

texto original e encenação

Joana Magalhães

criação

Comédias do Minho

a partir de *Ulisses* de Maria Alberta Menéres

cenografia e figurinos **Catarina Barros** vídeo **André Martins** desenho de luz

Vasco Ferreira interpretação

Isabel Carvalho **Ivo Romeu Bastos** João Costa Tiago Araújo

produção Comédias do Minho

estreia 4Fev2019 Casa da Cultura (Melgaço) dur. aprox. 1:35 M/10 anos

Teatro Carlos Alberto 6-9 fevereiro 2020 qui+sex **15:00** sáb **19:00** dom **16:00**







Liberdade-Democracia-Extinção

Joana Magalhães



U de Ulisses U de utopia U de urgência U de emergência U de urso polar

U surge de uma pesquisa realizada em torno de duas figuras simbolicamente carregadas: o herói e o ditador. E dos contextos sociais, políticos e de "espírito" que promovem a adesão a esta mesma simbologia. A Odisseia, de Homero, é o objecto a partir e com o qual esta pesquisa se desenvolve. Considerada por muitos a maior epopeia alguma vez escrita, narrando a história de um prodigioso herói, Ulisses, foi sujeita a múltiplas interpretações e adaptações, quase sempre revistas à luz do seu herói. É o caso da obra Ulisses, de Maria Alberta Menéres, uma adaptação para a infância deste clássico. U é uma adaptação livre desta adaptação, que por sua vez é uma adaptação livre da *Odisseia*, que por sua vez é uma adaptação livre de toda a memória grega antiga. Não é uma matrioska, é um palimpsesto. Contém todas estas histórias mas já não conta nenhuma delas. Conta a sua. Contrariando a tendência unívoca da história única, que glorifica os heróis e os seus feitos, nesta adaptação faz-se um desvio maior, optando-se não por uma tradução, mas por uma intercepção, um diálogo da obra com o conto A Educação de Um Ditador,

alegoria do tempo actual, representada num universo imaginário dividido entre animais domésticos e animais selvagens. Este conto narra a ascensão de um líder num contexto de "servidão ordenada, calma e amena" de um povo, forma exterior de liberdade. É colocado em cena numa ilha, não estivéssemos a falar da Grécia, início e fim (?) da democracia. Os intérpretes, quais deuses, manipulam os intervenientes desta epopeia, que é também a epopeia de U. — Quem és tu? — Ninguém. Quando U abandona a ilha e se lança ao mar, inicia-se a sua odisseia, se adoptarmos o significado mais amplo da expressão, que passou a conceituar, em quase todas as línguas do Ocidente, uma espécie de viagem heróica, geralmente pelas veredas interiores, constituindo uma verdadeira trajectória de autoconhecimento. Aqui, os deuses desaparecem e os intérpretes são os executantes do seu próprio pathos, desgarrados em cena em modo de recreio vale tudo menos morrer - antes de chegar a casa. E que casa? Neste exercício de contar e recontar, inventam-se significados, reavivam-se memórias e desconstroem-se mitos. Aproveita-se para pôr em perspectiva conceitos como o de liberdade, democracia. herói e, em última instância, o da verdadeira catástrofe, a de Penélope.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

ficha técnica TNSJ produção executiva **Eunice Basto** direção de palco **Emanuel Pina** adjunto do diretor de palco Filipe Silva direção de cena Cátia Esteves Filipe Pinheiro (coordenação) Adão Gonçalves Alexandre Vieira José Rodrigues **Nuno Gonçalves** Rui M. Simão maquinaria Filipe Silva (coordenação) Adélio Pêra António Quaresma Carlos Barbosa Joaquim Marques Joel Santos Jorge Silva Lídio Pontes **Paulo Ferreira** João Oliveira Fernando Costa

apoiosTNSJ





apoios à divulgação

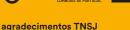












Câmara Municipal do Porto Polícia de Segurança Pública Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

agradecimentos Comédias do Minho



Hugo Cruz João Barreto

edicão

Departamento de Edições do TNSJ fotografia André Martins modelo gráfico Dobra paginação Marta Ramos impressão Greca - Artes Gráficas, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.